



REFLEXOS DO ETERNO NO ESPELHO ANTROPOFÁGICO DE RUBEM ALVES

REFLECTIONS OF THE ETERNAL IN THE ANTHROPOPHAGEAL MIRROR OF RUBEM ALVES

Simone Maria Zanotto

simone.zanotto@seduc.go.gov.br

Gilson Xavier de Azevedo

gilson.azevedo@ueg.br

RESUMO: O Objetivo desse artigo é aprofundar as muitas faces de um autor que vem ganhando espaço na academia, após sua morte, óbvio, em relação à sua inadequação acadêmica e estrutural em seguir padrões de engessamento conceitual. Conhecer Rubem Alves despertou-nos inúmeros questionamentos sobre como o acadêmico deve se esforçar para refletir, como em um espelho antropofágico, a imagem de quem o orientar no processo de pesquisa e essa é a justificativa da construção dessa pesquisa. Parte-se do por que o autor em questão não queria se “parecer” com o modelo acadêmico vigente em seu tempo, tanto no aspecto da escrita quanto da oralidade? A hipótese primária é que o alvesiano detinha uma originalidade póstuma que somente no presente se começa a desnudar. Adotou-se por metodologia se compor um estudo exploratório de caráter bibliográfico apoiado em 9 obras do referido autor, estabelecendo uma análise qualitativa enviesada por fragmentos de uma obra de Dostoiévski e outros referentes de análise. O resultado obtido é esse artigo e sua contribuição para o debate acadêmico entorno do desvelamento de Rubem Alves.

PALAVRAS-CHAVE: Rubem Alves. Academia. Rejeição.

ABSTRACT: The purpose of this article is to delve into the many faces of an author who has gained space in the academy, after his death, obviously, in relation to his academic and structural inadequacy in following patterns of conceptual plastering. Knowing Rubem Alves raised many questions about how the academic should strive to reflect, as in an anthropophagic mirror, the image of those who guide him in the research process and this is the justification for the construction of this research. It starts from why the author in question did not want to "look" like the academic model in force in his time, both in terms of writing and orality? The primary hypothesis is that the Alvesian had a posthumous originality that only in the present is beginning to be laid bare. The methodology adopted was to compose an exploratory study of a bibliographic nature supported by 9 works by the aforementioned author, establishing a qualitative analysis biased by fragments of a work by Dostoyevsky and other references of analysis. The result obtained is this article and its contribution to the academic debate surrounding the unveiling of Rubem Alves.

KEYWORDS: Rubem Alves. Academy. Rejection.



Considerações Iniciais

“Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses” é uma das afirmações que perpassa o entrelaçamento promovido pelos escritos de Rubem Alves em um diálogo entre a filosofia, a política, a teologia, a antropologia e a literatura, pois o pensador da resistência, de modo denso e inesgotável, abre as celas do Eterno criadas pela ortodoxia cristã, rompendo, então, com as metafísicas e com as teologias deformadoras da imagem do divino, do humano e de si mesmo. Diante desse quadro multidisciplinar, há um convite nos textos alvesianos, um chamado a olhar inúmeras imagens, como em uma sala de espelhos com ângulos e posições variadas, cheias de possibilidades, dependendo do objeto colocado a frente para ser refletido, investigado e conhecido por aquele que ousa enxergar-se naquilo que busca conhecer.

Então, é difícil escolher um ponto de partida ou um único eixo temático para redigir este ensaio que almeja discutir religião, política e literatura nas obras do autor. É desafiador propor uma paisagem única, acabada e definida, para quem em sua experiência de fé não se deixou enquadrar por uma instituição religiosa e nem pela cátedra acadêmica. Contudo, é preciso ser coerente com o autor para percorrer a trilha elaborada por suas reflexões que confrontam o indivíduo, seu ego, suas necessidades, suas conceitualizações e suas significações sobre os sentidos e sobre os propósitos do humano e do divino no cotidiano da vida.

Desse modo, o presente texto não tentará encaixar peças, mas apresentará alguns fragmentos e reflexões do Eterno, presentes na hermenêutica antropofágica de Rubem Alves tecidas por vários olhares apropriados pelo autor no decorrer de sua trajetória. Como o jogo encantado das contas de vidro de Hernann Hesse tão mencionado por Alves (1987) em suas obras, forma-se neste ensaio uma imagem caleidoscópica, cujas faces movimentam-se de acordo com as construções e desconstruções formuladas em suas crônicas, poesias e obras. Destarte, esses olhares se fazem palavras e palavras são espelhos que mostram a beleza do rosto alvesiano em um caminho de libertação de si mesmo e de Deus da intelectualidade dos tratados para ser sentido e vislumbrado na poesia.



O olhar de Rubem Alves no espelho alvesiano

É interessante notar o auto olhar de muitos escritores no decorrer de sua trajetória autoral quando as obras são lançadas ou selecionadas para reedição. Em alguns livros de Rubem Alves, esse processo pode ser percebido nos prefácios e nas introduções. As variações a respeito da própria imagem, sobre o próprio olhar acerca da religião e de Deus são intrigantes. Há uma crônica - “A Madrasta e o espelho” - no livro “O retorno e terno”, em que o autor enxerga na ação de uma vilã a própria natureza. Dessa forma, pode-se inferir alguns caminhos em tentar justificar a busca da humanidade a um pertencimento que a faça melhor na sua imagem e semelhança com o divino e no desejo de ser acolhida e aceita:

A Branca de Neve é uma tonta, irritante na sua bobice. A figura que me comove por sua tragédia é a Madrasta. Se eu pudesse, mudava o nome da estória de Branca de Neve e os sete anões para a “A Madrasta e o espelho”. Branca de Neve é tonta e boba por não haver se olhado no espelho – se olhou, não percebeu o fascínio e o terror que moram nele. Se gosto mais da Madrasta é precisamente por isto, porque tenho longas conversas com o meu espelho – com os meus espelhos, pois são muitos [...] Ah! Você acha que isso é bobagem, que espelhos são inofensivos objetos de vidro, frios e imóveis, que nada fazem além de refletir imagens. Pois é justo aí que está o seu abismo: em seu poder de refletir. [...] Os espelhos, segundo os mitos mais antigos, encontram-se ligados às origens do homem. Nas Sagradas Escrituras se diz que Deus criou o homem e a mulher como imagens de si mesmo, reflexos onde ele se poderia ver. E o mito de Narciso descreve a tragédia de um homem que se apaixonou por sua própria imagem, refletida na fonte. E como a imagem nunca podia se transformar em posse e desaparecia sem que seus dedos tocavam a superfície da água, ele morreu de um amor impossível. Os dois relatos se complementam. No primeiro, é o próprio Deus que deseja ver a sua imagem refletida [...] No segundo está dito que o que se busca, neste reflexo, é uma imagem que seja bela, pela qual possamos nos apaixonar. O mais profundo desejo do coração humano é isto: que sejamos belos. Fernando Pessoa chega mesmo a dizer que ele queria se construir como uma obra de arte. E acrescenta: “Já que não posso ser obra de arte no corpo, que seja obra de arte na alma”. Mesmo São Francisco e todos os santos, por mais espelhos de vidro que tenham quebrado, à moda da Madrasta, fizeram isto por amor a um outro espelho, divino, onde sua beleza escondida poderia brilhar. Por isto gosto da Madrasta. É nela que vejo a minha verdade refletida. Porque



todos estamos à busca de um espelho que nos diga sempre: “Tu és o mais belo!” Ah! Se o encontrássemos seríamos eternamente felizes. (ALVES, 2009, p. 12. grifo nosso).

Em vista disso, é necessário perceber por meio da crônica alvesiana que essa busca por um reflexo belo perpassou o caminho das hermenêuticas cristãs, da filosofia, da arte e de outras ciências e se tornou palavra. Contudo, Alves (1987) afirma no prefácio do seu livro “Da Esperança”, há peixes guerreiros que são incapazes de se reconhecerem na própria imagem e por isso, como a Madrasta má (2009) destilam veneno, quebram ou escondem os espelhos. Assim, para ele

As batalhas teológicas me fazem lembrar meu peixe-de-briga. Por não saberem que tudo não passa de um delicioso e divino jogo de espelhos - coisa própria para o nosso prazer de brincar - os teólogos mudam as suas cores e são possuídos por uma doença já catalogada: odium theologicum. Assim se iniciam as batalhas em nome de Deus. Seria tão mais honesto se reconhecessem que “Deus” é o nome que dão à sua própria imagem [...] (ALVES, 1987, p. 17).

Diante desse contexto, o teólogo da esperança, conceitua a teologia como um encantamento poético, “um esforço enorme para gerar deuses” (ALVES, 1987, p. 18) devido à tristeza e à nostalgia da falta do divino. Nesse cenário, tem-se a figura de Narciso enamorado do próprio reflexo e morto por uma busca incansável da sua autoimagem não reconhecida em si mesmo. Todavia, em seu percurso, Rubem reconhece que os deuses são desejos projetados e para não falecer como Narciso, faz da teologia um brinquedo.

No fragmento abaixo, o escritor brinca com a metalinguagem, escreve em verso o que poderia ter escrito em prosa, pois o seu eu poético está sempre rompendo com as cadeias prosáicas limitadoras do humano e do divino. Conseqüentemente, sua teologia contém estilo porque foge do convencional com o uso do humor, dos sentidos, da imaginação e da beleza.

Teologia é um brinquedo que faço.
É possível plantar jardins,
pintar quadros,
escrever poemas,
jogar xadrez,



cozinhar,
fazer teologia [...]
Claro que um jogo não exclui o outro.
Alguns dirão que isto não é coisa séria.
Eu os conheço muito bem e já havia advertido o leitor contra eles.
Quem se leva a sério é, no fundo, um inquisidor.
Está só à espera de que a ocasião apareça. (ALVES, 1987, p. 19).

Dostoiévsk¹, em um dos seus romances aponta a beleza com a grande salvadora do mundo. O escritor da esperança entende e vive esse aspecto ao fazer teologia. É essa beleza salvadora que a Madrasta procurava de modo trágico em seu espelho. Somado a isso, Alves (1987, p. 23) afirma, “não é preciso acreditar” para fazer teologia, mas é necessário sentir, talvez sentir-se. É um exercício de humildade e de percepção da realidade como invenção e não como certeza e seriedade. Assim, teologia não é conhecimento de Deus e nem a busca da certeza de sua existência, mas é conhecimento do humano, da beleza da humanidade que percebe Deus em seu reflexo espelhado. Esse discurso é confirmado pelo pensamento de Feuerbach na afirmação de que “teologia é antropologia”, pois “falar de Deus é falar de nós mesmos”. (ALVES, 1987, p. 39). O poeta admite essa perspectiva em seu ato de escrever:

Tudo que escrevo ainda que esteja falando sobre estrelas ou montanhas, sobre " infernos ou paraísos, é sempre uma meditação sobre mim mesmo. Estamos condenados ao nosso próprio mundo. O que falamos sobre Deus, falamos sobre nossos sonhos de amor. Deus é o nome do nosso mais alto sonho de amor. Ou, mais precisamente: é o som vazio, impronunciável, para o Desejo sem fim que sentimos, mas cujo nome desconhecemos. (ALVES, 1986, p. 19).

Sob esse prisma, o teólogo ao refletir sobre a revelação das Sagradas Escrituras declara que

Eram Sagradas somente porque elas diziam em linguagem poética aquilo que, dentro de mim, já era um gemido inarticulado: revelação dos meus desejos, do Thánatos que me habita, da Vida que me faz brincar e lutar. Somente eu podia dizer isto: são sagradas, divinas, por serem um espelho de mim mesmo; experiência de revelação. Assim, o

¹ A expressão de que “a beleza salvará o mundo” (DOSTOIÉVSKI, 2020, p. 426 e p. 590) pode ser encontrada no livro “O Idiota” em dois momentos.



nome da coisa que eu escrevera não poderia se referir a Deus. Era coisa modesta, humana [...] (ALVES, 1987, p. 40).

Assim, retomando a crônica da Madrasta e do espelho, pode-se conjecturar a existência de uma busca por palavras adequadas, acolhedoras e apropriadas no encontro com a beleza para confirmar a imagem de Deus, em suas conceituações e significações projetadas na autoimagem do humano nas hermenêucas da teologia. Na exortação apostólica, "A alegria do Evangelho - *Evangelii Gaudium*", (EG, 2013) o líder católico ressalta a importância da via da beleza - *via pulchritudinis* - no anúncio da mensagem cristã para atrair e suscitar o amor. Então, dessa maneira, Bergoglio afirma o crescimento da igreja pela atração e não pelo proselitismo, a fé deve ser incentivada pela arte e suas expressões. Posteriormente a essa reflexão, Rubem Alves na obra "O Enigma da religião", percebe esse aspecto de sedução e dedica-se a esse propósito em sua teopoética:

E comecei a perseguir a beleza, mais que a verdade. É que descobri, tardiamente, através da surpresa de amizades inesperadas, o fascínio da poesia. Que poema será verdade? Que poema será reflexo especular fiel das coisas do nosso mundo? Poemas, invocações de ausências, funduras onde nadam os desejos: é aí que os corpos se preparam para as batalhas. Seria possível isto, uma política que nascesse da canção, do transbordar da fonte? Política da ternura e não da azia, da visão utópica e não do ressentimento? Visitando a mim mesmo e lendo coisas dos mundos mágicos e dos mundos dos sonhos, aprendí que o corpo não é coisa biológica: poemas que se fizeram carne. Somos moradas de palavras, possessões demoníacas ou o vento indomável do Espírito. Palavras: continuação das mãos. Mas, forma visível das palavras. Há de se buscar a palavra que se transforma em carne: aqui, o segredo do dizer mágico. Não basta o saber; é preciso o sabor. E preciso que as palavras sejam belas, para seduzir [...] (ALVES, 1984, p. 4).

Sobre esse quadro, Alves (1984, p. 4) reflete a respeito das narrações poéticas sobre o Paraíso na criação. O teólogo contempla a ideia de que "não existia nem a ética e nem a política: mas existia a estética. Não foi esta a tentação da serpente, que se o fruto mágico fosse comido, os olhos do homem e da mulher se abririam, e seriam então como deuses". Destarte, a busca pela beleza, pelas palavras do espelho da Madrasta, sobre quem é a mais bela já estavam no paraíso.



No final das contas, não será por causa da beleza que fazemos todas as lutas? O ético é um instrumento do estético. Amo a justiça porque, ao passar por seus limites, o mundo fica um deleite para os olhos [...] E não será verdade que aqueles que viram a beleza têm mais coragem para o combate? Como são belas as multidões que levam rosas nas mãos e canções nas suas bocas [...] Elas nos dizem da teimosia da vida, que não se assusta nem com dentes e nem com cascos, e continua a rir e a dançar [...] ALVES, 1984, p. 5).

Junto a isso, fica claro perceber o pensamento de Wittgenstein sobre a importância da linguagem em seus condicionamentos por resultados desejados. Se "os limites de minha linguagem denotam os limites de meu mundo", de acordo com o filósofo, quem domina a linguagem pode criar mundos, universos e deuses a partir dos desejos, dos sonhos e das intenções. (WITTGENSTEIN, 2010, p. 115). É assim que surge o poder que cria e mantém as Instituições, "quando uma certa linguagem tem sucesso em descrever o mundo e em explicar porque ele tem de ser assim — quando ela é capaz de chamá-lo de realidade — então tal linguagem se converte no próprio poder" (ALVES, 1986, p. 71).

Por conseguinte, a linguagem carrega possibilidades tornando-se imprevisível, porque pode esconder um poder oculto à medida em que for adequada para solucionar a realidade da existência. Desse modo, Rubem Alves (1984) afirma o surgimento das cristalizações dogmáticas do fundamentalismo. Em seu passado, ele já foi fundamentalista ao confirmar suas crenças, pois "a solução fundamentalista nos liberta do doloroso confronto com uma realidade sempre inacabada, sempre em mutação, sempre perturbadora, sempre questionadora". (ALVES, 1984, p. 7).

Nesse viéz, nota-se também a adequação teológica nascida da ilusão das soluções, as quais buscam certezas:

Descobrimos as raízes sociais de nossa religião e também as suas origens neuróticas. A negação do mundo, a absolutização da eternidade, um medo da vida, o mal-estar diante de qualquer coisa humana, sensual, corporal, a rejeição da liberdade, a revolta contra tudo o que fosse provisório. (ALVES, 1984, p.9).

Ainda nesse quadro, o escritor (ALVES, 1984, p.23) cita declarações de Lutero ao dizer "que o homem é, na sua natureza mais íntima, *um cor incurvatum in se ipsum*:



um coração encurvado sobre si mesmo. Começamos a partir de nossas próprias experiências, nós as absolutizamos, e passamos por todos os rituais para ter uma nova visão da realidade”. Então, como resultado, há um anúncio do reconhecimento da face de Eterno refletida no espelho. De acordo com o teólogo, a percepção da imagem vista “nada mais é que nossos próprios temores, frustrações, fantasias, boas intenções e ingenuidade, os demônios e ídolos que habitavam o nosso mundo inconsciente”. Experimentar a salvação pode-se tornar uma “condição de perdição. Não somos salvos. Somos enfeitiçados pelas nossas ilusões”. E isso ocorre, devido a nossa fome em recuperar esse elo perdido que é a beleza.

Na obra “Dogmatismo e tolerância”, o escritor faz a afirmação de que “os deuses são ferramentas, as mais fortes, mais potentes, mais eficazes, para resolver nossos problemas mais prementes. Quando os problemas mudam, mudam os deuses também. Que ilusão pensar que somos monoteístas”. (ALVES, 2004, p. 38). Em vista disso, percebe-se no ser humano, que crê, uma potência organizadora do caos, pois ele pode recriar e organizar mundos e situações. Dessa forma,

O crente é um viajante, forasteiro, peregrino. Caminha numa terra estranha e efêmera para a pátria celestial, eterna. Nas suas mãos, um mapa. [...] A ordem está fixada. O mapa é permanente. À esquerda, o caminho que leva ao inferno: sem Cristo. À direita, o caminho que leva ao céu: com Cristo. (ALVES, 2004, p. 42).

De certo modo, na visão alvesiana o homem busca por intermédio da religião fortalecer-se frente aos desafios e aos sofrimentos, porque ela fornece possibilidades de sentidos diante a angústia na organização da realidade por meio da imaginação. Entretanto, as possibilidades elaboradas deveriam comprometer-se na superação das mazelas do agora sem buscar, no futuro cósmico, cargas e adversidades piores. Contudo, compreende-se que a “imaginação não é um instrumento de clarividência que revela os segredos do futuro ou de um outro mundo. Ela é um espelho. O impossível que ela reflete é o impossível atualmente vivido, o segredo das utopias consiste na realidade da qual são provenientes”. (ALVES, 1986, p. 113).

Nessa lógica do teólogo da esperança, a imaginação expressa a linguagem da comunidade de fé. Ela mostra sua imagem, seu espelho que transforma e rejeita fatos na



criação de valores que constituem mundos ou realidades complementares as quais recebem o nome de Deus.

Ela não é puramente descritiva. Uma linguagem puramente descritiva transforma fatos em valores. A imaginação, ao rejeitar os fatos como seu limite, exprime a transcendência da razão sobre o mundo estabelecido. A imaginação é uma forma de crítica àquilo que é, uma expressão da negação, uma função da razão que depende do espírito do homem, de seu poder para mover-se para além do mundo fechado dos fatos. Uma linguagem puramente descritiva é capaz tão somente de nomear as coisas presentes e, em decorrência, coloca-as como limite para a liberdade humana. Já uma linguagem criada pela imaginação é capaz de “nomear as coisas ausentes”, e, fazendo isso, quebra o feitiço das coisas presentes. (ALVES, 1987, p. 222).

Sendo assim, a imaginação depende o sentido da vida na justificação do sentido da morte. Rubem Alves (2002), expôs essa abordagem nos textos do livro “O que é religião”. É por meio da esperança de vencer uma das maiores vulnerabilidades da vida humana, a morte, que a linguagem da comunidade de fé trabalhou e trabalha na elaboração de símbolos que façam sentidos. “E é assim que a religião entrega aos deuses os seus mortos, em esperança. Entre as casas dos deuses e as casas dos mortos brilha a esperança da vida eterna para que os homens se reconciliem com a morte e sejam libertados para viver”. (ALVES, 2002, p. 126). Destarte, a teologia como no “jogo das contas de vidro”, une a palavra com a carne em uma união de amor para ressuscitar os corpos mortos. “É o casamento da palavra com a carne, um poema sem fim sobre o mistério da encarnação”. (ALVES, 1991, p. 72).

A morte pode ser feia para humanidade, embora faça parte do ciclo do desenvolvimento humano, alguns tentam transformá-la em beleza porque a enxergam como uma rival ao impor um limite natural. “Como afirmar o sentido da vida perante o absurdo da existência representado de maneira exemplar pela morte que reduz a nada tudo o que o amor construiu e esperou?” (ALVES, 2002, p. 126). Ou ainda, “Que consolo oferecer ao pai, diante do filho morto? Dizer que a vida foi curta, mas bela?” (ALVES, 2002, p. 126). A partir dessas considerações, faz-se necessário retomar o final da crônica alvesiana da “A Madrasta e o espelho” e perguntar o que de fato a Madrasta



conseguiu enxergar? Teria ela visto primeiro Deus e sua eternidade, na figura jovem da Branca de Neve, e despertado o crime da hybris de competir com a divindade não aceitando a mortalidade, condição natural do humano, o que levou muitos heróis gregos à tragédia? Ou, teria visto a própria natureza, como Adão e Eva e buscado na árvore do conhecimento, a beleza de Deus em sua imortalidade? “A beleza faz convites terríveis”, vai falar outra crônica alvesiana². (ALVES, 2009, 68).

Mesmo São Francisco e todos os santos, por mais espelhos de vidro que tenham quebrado, à moda da Madrasta, fizeram isto por amor a um outro espelho, divino, onde sua beleza escondida poderia brilhar. Por isto gosto da Madrasta. É nela que vejo a minha verdade refletida. Porque todos estamos à busca de um espelho que nos diga sempre: “Tu és o mais belo!” Ah! Se o encontrássemos seríamos eternamente felizes. Quando, ao contrário, como aconteceu com a Madrasta, a bela imagem se metamorfoseia em imagem feia, viramos bruxas e feiticeiros do mal. Quebramos o espelho e o veneno transborda do corpo [...]. É assim que eu penso o amor. Amamos as pessoas não pela beleza que existe nelas, mas pela beleza nossa que nelas aparece refletida. O que é uma bela pessoa? É aquela em que nos vemos belos. Quando, ao contrário, o espelho encantado nos mostra uma imagem feia, vai-se o amor e o espelho ou é quebrado ou é colocado permanentemente num quarto de escuridão permanente. Não mais o queremos ver. Narciso, eu penso, é o mito mais fundamental. Mais fundamental que Édipo. Narciso dá o tema fundamental. Édipo é uma variação, um desenvolvimento. A estória da Madrasta e do Espelho é uma combinação dos dois: primeiro, a relação de amor paradisíaco, Madrasta e espelho. O amor acontecia na voz do espelho que dizia: “És a mais linda”. Depois, quando a relação de encantamento é quebrada pelo aparecimento de uma outra imagem, mais bela. E a Madrasta se vê, repentinamente, excluída do espelho. E fica malvada. Toda exclusão faz isto: desperta em nós uma imagem cruel e feia, adormecida, que toma conta do corpo [...] Por isto que somos mendigos de olhares. Olhos são espelhos. Cada encontro é um pedido: “Dize-me, espelho meu, haverá no mundo alguém mais belo que eu?”. Por isto nos enfeitamos, por isto escrevemos, por isto convidamos os amigos para jantares, por isto vamos a alegres reuniões de amigos, por isto se fazem atos heroicos, por isto se escrevem poemas, por isto se fazem gestos: todos são pedidos de reconhecimento da nossa beleza. Entenderam por que gosto mesmo é da figura trágica da Madrasta?

² No livro Retorno e terno, há uma crônica chamada “Terror do espelho” que relaciona beleza com desejos e aponta, de modo interessante, a experiência suprema de terror em ver outro rosto no espelho. (Alves, 2009, p. 68).



Porque ela revela o drama do amor, a sua alegria e a sua decomposição. Somos todos a Madrasta, em busca de uma bela imagem [...] (ALVES, 2009, p.13. grifo nosso).

No início do texto, Alves (2009, p.12) deixa claro sua preferência em ser a Madrasta e a importância de encontrar o espelho, ele ainda repudia a Branca de Neve, porque ela “não se olhou no espelho e se olhou, não percebeu o fascínio e o terror que moram nele”. A Madrasta contemplou a beleza e encontrou o terror do amor quando o seu desejo de ser a mais bela foi destituído por uma outra imagem. “E é justamente sobre tais desejos que fala a religião. Essa abordagem pode ser confirmada pelo pensamento de Feuerbach: ‘A religião é o solene desvelar dos tesouros ocultos do homem, a revelação dos seus pensamentos mais íntimos, a confissão pública dos seus segredos de amor’”. (ALVES, 2002, p. 97).

Para Rubem Alves (2002), o mistério da religião está contido nesse aspecto de projeção, cuja realidade é um sonho em que o mundo sagrado aponta para a necessidade do mundo terreno. "Deus é a mais alta subjetividade do homem. Este é o mistério da religião: o homem projeta o seu ser na objetividade e então se transforma a si mesmo num objeto face a esta imagem, assim convertida em sujeito." (ALVES, 2002, p.98). Sendo assim, aí está o risco do terror do espelho. Na realidade, a religião fala do mundo de cá e não do mundo de lá. Na crônica, olhar para o espelho pode ser perigoso. Eles precisam estar nos lugares certos, pois os espelhos não são inofensivos:

Você nunca experimentou o susto de, num restaurante, numa casa, descobrir-se repentinamente, refletido num espelho, e ver-se como não gostaria, de um ângulo, de um jeito que lhe causa uma sensação de estranheza ou mesmo de vergonha? Sou assim? Edgar Allan Poe, segundo Borges³, sentia a mesma coisa. E num trabalho que escreve sobre decoração de casas, ele diz que os espelhos devem ser colocados de tal forma que ninguém se veja neles refletido sem querer. Lugar certo para o espelho é no banheiro. Porque enquanto a gente vai andando na direção dele a gente tem tempo para se preparar, ficando então com a certeza de que somos nós que olhamos nele e não ele que nos observa. O que me faz lembrar o relato de Gustavo Corção sobre uma experiência sua, acho que na rua do Ouvidor, no Rio. Olhou na vitrine de uma livraria e viu lá dentro um senhor de cabelos brancos,

³ Jorge Luis Borges também tem um terror de espelhos. Diz até que lhe produzem pesadelos, pois bastam dois espelhos opostos para construir um labirinto. Faça você mesmo a experiência: brinque com dois espelhos, um diante do outro, e veja o seu rosto se multiplicar em imagens infinitas. (ALVES, 2009, p.12)



rosto muito familiar, que o fitava. Cumprimentou-o respeitosamente, tirando o chapéu com a mão direita. E o rosto familiar fez exatamente a mesma coisa, ao mesmo tempo, simetricamente, só que com a mão esquerda [...] (ALVES, 2009, p.12. grifo nosso).

Anos antes dessa crônica, Alves escreve “e Feuerbach se ria, como nos rimos de alguém que cumprimenta sua própria imagem, no espelho. Espelho. É isto: a linguagem religiosa é um espelho em que se reflete aquilo que mais amamos, nossa própria essência”. (ALVES, 2002, p. 100). Sobre o filósofo da declaração que “uma teologia é sempre uma antropologia” (SOUSA, 2009, p. 92), Alves continua sua antropofagia com a imagem do espelho acrescentando:

O que a religião afirma é a divindade do homem, o caráter sagrado dos seus valores, o absoluto do seu corpo, a bondade de viver, comer, ouvir, cheirar, ver. E assim chegamos à mais espantosa das conclusões deste homem que amava a religião e nela encontrava a revelação dos segredos de sua própria alma: "O segredo da religião é o ateísmo". Necessariamente. Só poderei reconhecer-me, na imagem do espelho, se souber que não existe ninguém lá dentro. Só poderei reconhecer-me em minhas ideias de Deus se souber que não existe Deus algum. Sou eu o único absoluto. É evidente que as pessoas religiosas não podem aceitar tal conclusão. E Feuerbach concluiria, em consequência disto, que o sentido da religião está escondido das pessoas religiosas. Elas sonham, mas não entendem os seus sonhos. E assim a religião é preservada como sonho. Só que, no momento em que o sonho é interpretado e compreendido. Deus desaparece: os céus se transformam em terra, o que estava lá em cima reaparece lá na frente, como futuro. E as imagens que a religião tomava como retratos do ser mais belo e mais perfeito passam a constituir um horizonte de esperança em que os homens espalham os seus desejos, utopia de uma sociedade em que o presente é mágica e miraculosamente metamorfoseado pelo homem que quebra as correntes, para colher a flor, não em virtude de pressões que vêm de fora, mas em resposta aos sonhos que vêm de dentro. (ALVES, 2002, p. 101).

Ao falar sobre a história da Madrasta, Alves compara com os mitos de Narciso e de Édipo. “Narciso, eu penso, é o mito mais fundamental. Mais fundamental que Édipo. Narciso dá o tema fundamental. Édipo é uma variação, um desenvolvimento. A história da Madrasta e do Espelho é uma combinação dos dois”. (ALVES, 2009, p. 12). Ainda a respeito dessa perspectiva, temos outra fala do teólogo:



A história bíblica se diz acontecida há muito tempo, numa terra distante. Mas já sabemos que as histórias têm poder porque nelas o tempo passado e o espaço distante são metáforas do aqui e do agora. Elas nunca aconteceram para que possam acontecer sempre, em todos os lugares. A madrasta da Branca de Neve sou eu, a Bela Adormecida sou eu, Édipo sou eu, Narciso sou eu. Histórias não são janelas. Elas são espelhos. A história da encarnação é a minha própria história, meu passado esquecido, meu futuro escondido. Cristologia é antropologia. O mistério de Deus é o mistério dos nossos próprios corpos. (ALVES, 1991, p.72).

Esses mitos também são citados na obra de Hebert Marcuse, “Eros e Civilização”. O texto retrata o aspecto da condição humana que não vive nem no céu e nem na terra. Em Narciso, há a evocação do não envolvimento humano com a sua própria imagem, como faz a Madrasta ao buscar ser a imagem mais bela, talvez eterna como Deus. Em Édipo é recobrado a falta de aceitação com a causalidade humana por tratar-se de uma tentativa de controle e de uma negação do paraíso que é justamente o controle e a aceitação da ordem das coisas.

Se em Batista Mondim (1980), o homem não vive nem na terra e nem no céu, em Marcuse, ele vive século após século substituindo a sua relação com o universo pela criação de estruturas sociais para preencher ou suplantar seu erro original de afastar-se de sua natureza e de sua condição natural, isto posto, para Alves, “é a memória de uma unidade perdida e a saudade de um futuro de reconciliação” (ALVES, 1984, p. 15).

Considerações finais.

A linguagem acadêmica exige que os textos científicos sejam escritos em terceira pessoa para que se mantenha a impessoalidade. Dessa forma, não há a permissão do aparecimento da primeira pessoa, o pronome eu. Entretanto, cumprir essa regra é uma ascese para quem lê e se envolve com os textos de Rubem Alves, o pensador da resistência. Essa foi uma das lutas que enfrentei neste ensaio, pois o próprio processo de antropofagia elaborado em seus escritos, pode brotar e potencializar aqueles que se identificam com suas vivências, com suas histórias e com seu jeito de pensar e de fazer teologia. Assim, peço desculpas aos professores que orientaram o meu estudo sobre o autor, para quebrar os protocolos neste final.



Se espelho é palavra, é semente que se torna fruto, é carne que se torna alimento e se faz memória; ele está sempre em movimento e em um processo de mudança. As palavras do espelho alvesiano são causadoras de espanto e conforme passamos por elas, sofremos o devir heraclitiano. Não são de uma leitura simples que se realiza tomando um café, mas são de uma leitura que se faz bebendo água com açúcar, com as mãos no coração, ainda mais se o interlocutor percorreu alguns caminhos semelhantes ao do autor no campo religioso e no campo acadêmico. Eu já fui religiosa, morei por longos anos em ordem religiosa, já tive a minha pesquisa criticada, porque queria falar sobre o sagrado na literatura de Jorge Amado que celebra a vitória e superação do sofrimento do povo no retrato dos orixás.

Por conseguinte, olhar no espelho alvesiano foi para mim um convite para entrar na toca do coelho ou no templo de Delphos com a finalidade de contemplar a sala de espelhos que formavam o meu olhar sobre a beleza, a serviço de uma realidade que passou pela dor e pela alegria, pois também buscou o belo pelas palavras, pelos sonhos e pelo desejo de um acolhimento na esfera da religião. Desse modo, pude contemplar coisas belas como algumas identificações com a teologia de Alves, mas contemplei também alguns terrores e sofrimentos, pois assemelhar-se com as figuras de Narciso, de Édipo e da Madrasta não é algo agradável, pois estamos sempre em busca da perfeição em personagens ou esteriótipos que possuam um final feliz e não trágico.

Abandonar as ilusões não foi e não é uma via fácil, embora reconciliar-se com a natureza seja libertador. Estamos sempre criando totens. Negamos o tempo todo a nossa condição natural, e ainda sentimos saudades do que não contemplamos, mas nomeamos. Viver como se Deus não existisse aceitando a nossa finitude é possuir a coragem de assumir o presente e as lutas desse mundo com liberdade e leveza, não temendo a morte, mas a chamando de irmã. Assim, podemos gritar com a mesma alegria de Rubem Alves: Deus morreu! Viva Deus!

O inverno passa
Vejo da janela da sala



A alegria dos pássaros.

Haicai de autor desconhecido.

Referências bibliográficas

ALVES, Rubem. **A gestação do futuro**. tradução de João Francisco Duarte Júnior. Campinas, SP: Papyrus: 1986.

ALVES, Rubem. **Da esperança**. tradução de João Francisco Duarte Júnior. Campinas, SP, Papyrus: 1987.

ALVES, Rubem. **Dogmatismo e Tolerância**. São Paulo: Loyola, 2004.

ALVES, Rubem. **Enigma da religião**. 6. ed. São Paulo, Papyrus: 1984.

ALVES, Rubem. **O poeta, o guerreiro e o profeta**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes: 1991.

ALVES, Rubem. **O que é religião**. São Paulo: Loyola, 2002.

ALVES, Rubem. **O retorno e o terno: crônicas**. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

ALVES, Rubem. **Variações sobre a vida e a morte: o feitiço erótico-herético da teologia**, 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

ALVES, Rubem. **Variações sobre o prazer: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette**. São Paulo: Planeta, 2011.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **O idiota**. tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2020.

EG. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. Vaticano: 2013. In: www.vatican.va.

MARCUSE, Hebert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

MONDIN, Batista. **O homem, quem ele é?** Elementos de antropologia filosófica. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

SOUZA, Draiton Gonzaga de. **O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach**. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. 3ª Edição. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: EDUSP, 2010.

Recebido em: 27/06/2022 | Aprovado em: 26/07/2022.
